

SÉRIE TRADUÇÃO

07

**DOMESTICAÇÃO DE ANIMAIS, CULTIVO DE PLANTAS E
TRATAMENTO DO OUTRO**

**ANDRÉ-GEORGES HAUDRICOURT
Brasília, 2013**

**Universidade de Brasília
Departamento de Antropologia
Brasília
2013**

Série Tradução é editada pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília com o objetivo de divulgar textos traduzidos para o português por docentes e discentes no campo da Antropologia Social.

1. Antropologia 2. Tradução. Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília

Solicita-se permuta.

Série Tradução Vol. 01, Brasília: DAN/UnB, 2011.



Universidade de Brasília

Reitor: Ivan Camargo

Diretor do Instituto de Ciências Sociais: Sadi Dal Rosso

Chefe do Departamento de Antropologia: Wilson Trajano Filho

Coordenador da Pós-Graduação em Antropologia: Carla Costa Teixeira

Coordenadora da Graduação em Antropologia: Juliana Braz Dias

Conselho Editorial:

Andréa de Souza Lobo

Soraya Resende Fleischer

Comissão Editorial:

Andréa de Souza Lobo

Larissa Costa Duarte

Soraya Resende Fleischer

Editoração Impressa e Eletrônica:

Cristiane Costa Romão

EDITORIAL

A Série Tradução é uma iniciativa do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília apoiada pelo Decanato de Extensão desta Universidade via Edital DEX 1/2010. Como atividade de extensão, o objetivo desta Série é reunir e disponibilizar a um público mais amplo traduções em formato digital e com acesso livre por intermédio do sítio do Departamento de Antropologia. Tais traduções vêm sendo realizadas, há alguns anos, no âmbito do Departamento de Antropologia. Até então, estes materiais, em sua maioria, estiveram circulando de forma artesanal e informal, como documentos eletrônicos e/ou cópias xerográficas ou mimeografadas.

Os textos foram traduzidos por docentes e discentes do Departamento de Antropologia, geralmente para fins didáticos. São materiais referenciais para o corpus teórico da disciplina e sua ampla demanda e utilização justificam que versões em português sejam produzidas, sobretudo para o público graduando, nem sempre versado em uma segunda língua.

Cada número da Série é dedicado a um só artigo, ensaio ou material traduzido. Novas traduções serão sempre bem vindas e, sendo acolhidas e aprovadas pelo Conselho Editorial bem como garantidas pelo direito autoral da publicação de origem, poderão ser publicados em nossa Série Tradução.

Conselho Editorial

Domesticação de animais, cultivo de plantas e tratamento do outro¹

André-Georges Haudricourt²

Um passo decisivo foi dado na evolução da humanidade com a descoberta do cultivo das plantas alimentares e a domesticação de animais. Tal passo foi classificado com justiça de revolução.³

Esta revolução neolítica foi considerada sobretudo de um ponto de vista quantitativo: o aumento dos recursos alimentares tornou possível o crescimento demográfico, que por sua vez permitiu uma melhor divisão do trabalho, um progresso das técnicas e uma diferenciação social, como a aparição de classes.

Mas é acerca de outro aspecto dessa revolução que eu gostaria de chamar a atenção: a mudança nas relações entre o homem e a natureza, bem como suas conseqüências nas relações entre os humanos. Face ao mundo vegetal e animal, a partir do neolítico o homem não é mais somente um predador e um consumidor, pois a partir de então ele *assiste*, ele *protege*, ele *coexiste longamente* com as espécies que ele “domesticou”. Novas relações, de caráter “amistoso”, se estabelecem, lembrando aquelas que os homens mantêm entre si no interior de um grupo. Mas as relações que existiam à época da caça e da coleta não puderam ser completamente abolidas, elas reaparecem no momento da colheita (para as plantas) ou do abate (para os animais).

¹ Publicado originalmente sob o título *Domestication des animaux, culture des plantes et traitement d'autrui*. *L'Homme* v. 2, n. 1, 1962, pp. 40-50. Tradução de Carlos Emanuel Sautchuk e Guilherme Moura Fagundes, gentilmente autorizada pelo editor da revista *L'Homme*, Jean Jamin. [N. T.]

² André-Georges Haudricourt (1911 – 1996) foi agrônomo de formação, tendo ainda realizado contribuições significativas nos campos da etnologia, linguística e botânica. Aluno de Marcel Mauss, Haudricourt é também, ao lado de André Leroi-Gourhan, um dos principais expoentes da escola maussiana da etnologia da técnica, tendo influenciado uma geração de pesquisadores. Suas principais obras são: *L'homme et les plantes cultivées*. Paris, Gallimard, 1943, 234 p. (com L. Hédin); *L'homme et la charrue à travers le monde*, Paris, Gallimard, 1955, 506 p. (com M. Jean-Bruhnes Delamarre); além da seguinte coletânea de artigos, onde o presente texto é republicado: *La technologie, science humaine. Recherches d'histoire et d'ethnologie des techniques*. Paris, Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1987, 344 p. Esse artigo reaparece também na coletânea póstuma, organizada e comentada por Jean François Bert, *Des gestes aux techniques: Essai sur les techniques dans les sociétés pré-machinistes*. Paris, Edition de la Maison des Sciences de l'homme; Édition Quae, 2010, 236 p. [N. T.]

³ Gordon Childe, *What happened in history, chap. 3* (Penguins books, pelican A 108), traduzido [ao francês] com o título: *Le Mouvement de l'histoire* (Arthaud, 1961, p. 49). Ver também Robert J. Braidwood, *The agricultural revolution, Scientific American*, sept. 1960, distribuído por *Current Anthropology*. Mas trata-se nesses textos da agricultura de cereais e não de tubérculos: para esta última devo enviar para *L'Homme et les plantes cultivées*, Paris, 1943, PP. 88, 134, 140.

Esta inevitável mudança de atitude torna necessários ritos de passagem, cerimônias. Sabe-se que em inúmeras sociedades o animal doméstico jamais é abatido ou consumido fora das cerimônias; e cada um de nós há podido observar crianças recusando-se a comer do coelho que elas próprias alimentaram. Esta observação é muito geral. Mas o que eu quero enfatizar é que a diversidade do mundo vegetal e animal sobre a superfície do globo torna impossível a identidade qualitativa dessas relações “amistosas” em todas as civilizações.

Os dois tipos extremos: inhame-ovelha

A cultura do inhame (*Dioscorea alata L.*), tal como era praticada pelos Melanésios da Nova Caledônia, parece-me um bom exemplo disso que eu chamo ação *indireta negativa*⁴. Não há jamais, por assim dizer, contato brutal no espaço nem simultaneidade no tempo com o ser domesticado. Um camalhão de terra vegetal é cuidadosamente construído, em seguida coloca-se ali os inhames que servem de semente. Caso se deseje obter um tubérculo gigante, é necessário ter preparado um espaço vazio que este completará. As grandes ramas são plantadas a certa distância do tubérculo, para não atrapalhar seu crescimento, e colocar-se-á em seguida uma vara inclinada que permitirá à haste volúvel, saída do tubérculo, atingir a estaca. A colheita se dá desenterrando com precaução o tubérculo, depois o envolvendo em folhas; no caso de tubérculos gigantes, é necessário abrir o talude do camalhão, pousar delicadamente o tubérculo sobre uma esteira de palha, o envolver com uma trama de folhas de coqueiro e fixá-lo a uma vara comprida para o transporte.

Tudo isto está em relação com a fragilidade da planta. Quando a colonização introduziu o gado na Nova Caledônia, foi uma catástrofe para a agricultura indígena, pois não somente a planta pisada morre, mas, apodrecendo, contamina todos os inhames do mesmo camalhão⁵.

⁴ Maurice Leenhardt, *Notes d'ethnologie néocalédonienne*, 1930, pp. 114-134 e Jacques Barrau, *L'agriculture vivrière autochtone de la Nouvelle-Calédonie*, Nouméa, 1956, pp. 34-72.

⁵ Nos objetariam a existência do arroz de montanha semeado sobre um solo não preparado depois da queimada da floresta, atualmente cereal de base dos proto-indochineses. Seria um erro em minha opinião ver na cultura do arroz de montanha um estágio agrícola mais antigo que aquele do arroz irrigado. O arroz selvagem é uma planta aquática, é provável que ele tenha aparecido inicialmente como erva daninha nas valas de taro, depois tornado uma cultura irrigada autônoma, para só então gerar as variedades capazes de resistir à não-irrigação. Condominas relata que, entre os Mnong, os “homens sagrados” plantam inhames nas futuras fileiras antes de fazer a clareira. (*Nous avons mangé la forêt*, p. 375) O arroz de montanha, em todos os lugares onde é conhecido, substituiu o inhame, pois ele demanda menos trabalho.

Lembremos, enfim, que no estado selvagem os inhames são protegidos pelos arbustos espinhosos ou moitas, e que sua domesticação é a origem da agricultura das populações tropicais que vivem às margens das florestas.

A criação da ovelha, tal como é praticada na região mediterrânea, parece-me, ao contrário, o modelo da ação *direta positiva*. Ela exige um contato permanente com o ser domesticado. O pastor acompanha noite e dia seu rebanho, ele o conduz com seu cajado e seus cachorros, ele deve escolher as pastagens, prever os bebedouros, carregar os bezerras recém-nascidos em passagens difíceis e por fim os defender dos lobos. Sua ação é direta: contato pela mão ou com o bastão, torrões de terra lançados com o cajado, cachorro que mordisca a ovelha para direcioná-la. Sua ação é positiva: ele escolhe o itinerário que impõe a cada momento ao rebanho.

Isto se explica seja pela “superdomesticação” da ovelha, tendo o animal domesticado perdido suas qualidades de defesa e de conduta instintiva, seja pela transplantação do animal que vivia, anteriormente, nas montanhas onde as escarpas o protegiam de lobos e onde a altitude lhe assegurava uma alimentação permanente.

Essa oposição de comportamento não está ligada à distinção entre plantas cultivadas e animal doméstico. Nossos cereais não têm as mesmas exigências que o inhame. São plantas de estepes, que não temem o dente dos herbívoros; sabe-se que a poda – passagem rápida de um rebanho pastando as extremidades do cereal em erva – pode ser utilmente praticada. Estas plantas não têm necessidade da mesma “amizade respeitosa” que os tubérculos tropicais. A preparação do terreno pode ser mínima para os cereais. No início da agricultura, o pisoteio do rebanho sobre a superfície natural do solo era suficiente para enterrar os grãos semeados ao vento. Depois de uma colheita brutal, arrancando ou serrando, é novamente o pisoteio animal que serve para debulhar e separar os grãos da palha, operações estas permitidas pela dureza dos grãos.

Do mesmo modo, nem todos os animais domésticos se parecem com a ovelha. Nas campanhas indochinesas, os búfalos são “guardados” por crianças, mas não são estas que defenderão seu rebanho contra o tigre, é o rebanho, sabendo se defender, que impedirá o tigre de levar seu “guardião”.

Também os cereais não são todos comparáveis, pelo menos quanto a seu modo de cultivo. O cereal do Extremo Oriente, o arroz, demanda um campo tão “fabricado”

quanto um camalhão de inhame ou um fosso para taro: é necessário uma superfície bem plana cercada de pequenos diques⁶.

No que se refere aos jardins, uma oposição de mesmo tipo se coloca entre o jardim à francesa ou à italiana (plantas dispostas artificialmente segundo um desenho decidido *a priori* e constantemente podadas segundo formas geométricas) e, por outro lado, o jardim à chinesa, onde o solo é intensivamente trabalhado; onde a terra, retirada para cavar o lago, é utilizada para fazer a colina; onde os rochedos são introduzidos e as plantas são dispostas de maneira a reconstituir uma paisagem natural. E caso se deseje possuir plantas de pequenas dimensões, no lugar de agir diretamente as cortando, age-se indiretamente para obter plantas anãs. A ação direta parece então levar ao artifício; a ação indireta aparenta um retorno à natureza.

Determinismo geográfico?

A repartição dos climas na superfície dos continentes (a leste monções, a oeste zonas climáticas diferenciadas) deveria favorecer a criação de rebanhos no Ocidente. A disposição leste-oeste das montanhas, entre o Himalaia e o Atlântico, acentuam os contrastes climáticos que permitem a transumância: quer dizer, a criação sem colheita de forragem.

A utilização da forragem possibilita então sedentarizar a criação de modo a melhor integrá-la à agricultura ocidental: pode-se dizer que quase todo camponês teve suas vacas e cada vila seu rebanho de ovelhas.

No Extremo Oriente, ao contrário, a pecuária reduz-se ao animal de tração e aos porcos. Ainda que a ovelha pareça ter jogado um papel importante na idade do bronze na China do Norte⁷, como Gernet notou a propósito da escrita de certas palavras, ela foi eliminada, da mesma maneira que todo o gado grande, por consequência da continuidade ecológica entre os vales dos grandes rios e o resto do país. Pois, como Lattimore afirma:

Na China, e nos outros grandes vales fluviais, a melhora da produção agrícola toma uma forma intensiva através da utilização máxima da mão-de-obra e mínima dos animais de tração, afim de não alimentar o animal sobre uma terra que poderia ser cultivada pelo homem... Na China, no apogeu de seu desenvolvimento, a não utilização dos

⁶ Para o arroz irrigado, ver nota precedente.

⁷ Jacques Gernet, "Comportements en Chine archaïque", *Annales*, 1952, I, pp. 31-38.

animais tornou-se impressionante. Os homens foram atrelados para puxar as barcas ao longo dos canais, para rebocar os barcos contra a corrente violenta das corredeiras do *Yang-Tsé*. Nos planos, os homens empurravam carrinhos de mão. Ao sul do *Yang-Tsé*, não existia nenhum veículo sobre rodas e os homens transportavam mais carga que os animais.⁸

Acrescentemos que nem o leite nem a lã eram utilizados.

O jardim chinês e o pastoreio mediterrâneo

O tratamento hortícola do homem é característico da civilização chinesa⁹ e, sobretudo, de sua ideologia dominante, o Confucionismo. A cada ponto, nos clássicos, o homem é comparado às plantas, à terra, à chuva...

É assim no *Tchong-Yong* (Meio invariável) atribuído a Confúcio ou a seus discípulos imediatos:

A virtude dos homens de Estado estabelece logo um bom governo, como a virtude da terra faz crescer rapidamente as plantações. As boas instituições se desenvolvem com a mesma rapidez que os juncos e as rosas. A perfeição do governo depende dos ministros. Um príncipe atrai bons ministros pela qualidade de sua pessoa...¹⁰

Note a ação indireta: o príncipe não escolhe seus ministros, ele os atrai.

Nas obras de Mencius, as comparações são ainda mais claras:

Este homem, vendo com pesar que sua lavoura não cresce, estimula o crescimento das ramas com a própria mão. Chegando em casa, sentindo-se incompetente, este homem diz: “Hoje estou muito cansado, ajudei a plantação a crescer”. Seus filhos correram para ver seu trabalho. As ramas já estavam ressecadas. No mundo há poucos homens que não trabalham para fazer crescer a plantação por meios insensatos. Aqueles que... negligenciam, parecem o trabalhador que permite às ervas daninhas crescerem na sua lavoura. Aqueles que empregam meios violentos... fazem como este insensato que a destrói. Seus esforços não são apenas inúteis, eles são prejudiciais.¹¹

⁸ Owen Lattimore, “La civilisation mere de barbare?”, *Annales*, 1962, I, p. 105.

⁹ Joseph Needham, *Science and civilisation in China*, vol. 2, pp. 543-583.

¹⁰ Tradução de Séraphin Couvreur, S. J. (reed.), *Lês quatre livres*, Humanité d'Extrême-Orient, 1949, p. 44; outra tradução, não tão boa, é de G. Pauthier, *Les livres sacrés de l'Orient*, 1860, p. 168.

¹¹ Trad. S. Couvreur, *id.*, pp. 364-365, trad. G. Pauthier, *id.*, p. 234.

Mais à frente, trata-se da vegetação espontânea e do desmatamento:

Antigamente sobre a Montanha dos Bois, as árvores eram belas. Por estarem sobre o limite do território de um grande principado, o machado e a machadinha as cortaram. Poderiam elas, entretanto, conservarem sua beleza? Como a seiva continuava a circular, e a chuva e o orvalho as umidificava, elas não ficaram sem brotar os seus botões. Mas os bois e as ovelhas, por sua vez, os comiam. Por isso esta montanha é tão nua. E vendo-a assim, imagina-se que ela jamais tivera árvores capazes de servir para construções. Seria isto um defeito inerente à natureza da montanha?

Não se passa da mesma forma com os sentimentos que o homem recebe da natureza? Não tem ele sentimentos de benevolência e de justiça? Isso que fez o homem perder estes sentimentos é similar ao modo como o machado e a machadinha desnudam as árvores. Se dia após dia o homem desfere golpes nas árvores, como pode ele desenvolver tais sentimentos?

Durante a noite e o dia os bons sentimentos tendem a recuperar suas forças. Já pela manhã, as afecções e as aversões são tão insignificantes que o homem as deve possuir. Mas as ações feitas ao longo do dia interrompem e asfixiam os bons sentimentos.

Depois que as ações tiverem asfixiado os homens muitas e muitas vezes, a ação reparativa da noite deixa de ser suficiente para preservá-los de uma anulação completa. Quando a influência benéfica da noite não é mais suficiente para conservar os bons sentimentos, o homem difere pouco dos animais. Vendo o homem transformado em um ser sem razão, acreditar-se-ia que ele jamais tivera boas qualidades. Seria o homem assim em virtude de sua própria natureza?¹²

O tratamento pastoral do homem na civilização ocidental é bem conhecido. Lembremo-nos a idealização poética do pastoreio na literatura. No Gênesis, o belo papel de Abel, o pastor, oposto àquele de Caim, o cultivador; o bom pastor, o carneiro desgarrado dos Evangelhos; o homem que é o lobo do homem para os latinos. Algumas citações de Aristóteles são suficientes:

O rei ama seus súditos por causa de sua superioridade, que o permite beneficiá-los, pois graças às virtudes que o distinguem, ele se ocupa de os fazerem felizes com tanto cuidado como um pastor com seu

¹² Trad. S. Couvreur, *id.*, pp. 568-570; trad. G. Pauthier, *id.*, p. 282. Outras comparações:

“O sábio ensina de cinco maneiras diferentes; há homens sobre os quais ele age como uma chuva benfazeja;...” Trad. Couvreur, p. 627; G. Pauthier, p. 297.

“Não é surpreendente que falte sabedoria ao rei. A planta que mais facilmente cresce no mundo, não se desenvolverá jamais se ela é exposta um dia ao sol, e dez dias ao frio. Eu raramente visitei o rei. Enquanto eu estava longe de sua presença, os lisonjeadores iam resfriar o ardor de seus bons sentimentos...” Trad. Couvreur, p. 570; G. Pauthier, p. 282.

rebanho. E é neste sentido que Homero chama Agamenon: o pastor dos povos.”

Aristóteles insiste sobre a desigualdade das relações:

Não há amizade possível com as coisas inanimadas, assim como não há justiça em relação a elas, assim como não há do homem ao cavalo e ao boi, ou mesmo do mestre ao escravo enquanto escravo.¹³

Mas o texto que exprime mais claramente essa mentalidade paternalista vem dos limites do Ocidente, tal como o entendemos aqui, isto é, a Índia. É possível ler no *Dharmaçastra* (Lei de Manou):

É para o rei que o Senhor criou certa vez seu próprio filho *Dharma* (Lei) protetor de todos os seres, a punição (encarnada) feita do brilho de *Brahman*. Por medo dele, todos os seres, móveis e imóveis, se deixam ser objetos de gozo e não se afastam de seus deveres. A Punição é o próprio rei, o macho, é o chefe e o administrador: é a garantia de obediência nos quatro modos de vida. A Punição governa todas as criaturas, a Punição os protege, a Punição vela sobre elas quando dormem. Os sábios sabem que a Punição é a lei.

Se o rei não infligisse a punição sobre aqueles que a merecem, sem se cansar, os mais fortes cozinhariam os mais fracos como peixes no espeto.

O corvo comeria o bolo ritual e o cachorro lamperia a oferenda, não haveria propriedade para ninguém e tudo iria às avessas.

Os deuses, os *Danava* (Titãs), os *Gandharva* (Músicos celestes), os *Raksasa* (Gigantes), os pássaros, e as serpentes mesmo dão o gozo que se espera deles se são atormentados pela Punição. Todas as castas seriam viciadas, todos os diques rompidos, todo o mundo estaria em fúria se a Punição fosse errática. Mas onde circula a Punição, negra com olhos de sangue, destruidora de faltas, os sujeitos não se afastam, posto que o chefe observa corretamente.”¹⁴

Não pretendo explicar essa oposição China-Occidente por um determinismo geográfico biológico. Outros fatores intervieram, por exemplo, a navegação.

O jardineiro e o marinheiro

As técnicas de navegação, especialmente as técnicas de navegação a remo que se desenvolveram no Mediterrâneo antigo, tiveram um papel específico na evolução das relações humanas. A relação entre aquele que dirige o navio com os que remam é

¹³ Trad. Barthélemy de Saint-Hilaire, *Morale à Nicomaque*, VIII, II.

¹⁴ Trad. Louis Renou, *L'Inde classique*, Payot, 1947, p. 436; outra trad. por A. Loi-Seleur-Delongchamps, se encontra em *Les livres sacrés de l'Orient*, já citado, p. 392.

análoga àquela do pastor com seus cachorros e ovelhas. Não é por acaso que o verbo “governar” é emprestado do vocabulário náutico.

Por outro lado, o desenvolvimento da navegação suscita o comércio, a produção mercantil e também a escravidão, ao mesmo tempo quantitativamente (aumento do número de escravos graças às guerras marítimas e à pirataria) e qualitativamente: utilização de escravos na produção mercantil de objetos.

Isso explica porque somente a antiguidade Greco-latina tenha conhecido plenamente o estado escravagista; isto é, um estado social onde esse modo de produção era preponderante. Todos esses fatores se reúnem para impor no Ocidente uma mentalidade, digamos assim, de “governante”. Xenofonte, Columelle e Plínio explicam como o prefeito deve planificar e comandar com precisão o trabalho do escravo.

Permito-me citar aqui a conclusão de um artigo sobre a ciência chinesa, escrita em colaboração com J. Needham:

Os elementos que poderiam ter dado origem (na China) a um desenvolvimento análogo àquela da ciência grega se encontravam nas obras da Escola política de *Mo ti...* Vimos que essa escola floresceu na China à época dos reinos combatentes, quando havia naquele país vários pequenos Estados em guerra uns com os outros. Os Estados mais importantes eram aqueles do oeste onde dominava a criação, e aqueles do leste onde dominava a navegação... Tinha-se então uma situação bastante análoga àquela do Mediterrâneo europeu e particularmente da Grécia. Explica-se por vezes as características do pensamento e da ciência da Grécia antiga pela importância da criação (relação: pastor-rebanho), da navegação (relação: timoneiro-remador), da pirataria e da guerra e pelo desenvolvimento da escravidão que delas resulta (relação: mestre-escravo). Resulta disso uma visão dualista do mundo (relação: espírito-matéria, divindade-universo) e a possibilidade para o espírito humano de deduzir *a priori* as leis às quais o mundo deve obedecer.

Mas, de fato, a unidade geográfica da China, seu isolamento em relação às outras regiões civilizadas, a levou logo à unidade política; e o meio geográfico da Ásia Oriental, tão diferente das regiões mediterrâneas, por seu caráter massivo e a importância econômica da agricultura em relação à criação e à navegação, orientou a sociedade chinesa noutra direção. O triunfo prático das sociologias confucianas no governo do Estado, o sucesso dos bio-psicólogos taoístas nos esforços individuais para uma boa saúde e uma vida longa,

suplantaram todas as outras escolas. Com a doutrina de *Mo ti* desapareceram os embriões de ciências dedutivas parecidas com aquela que nasceu no Ocidente.

Certamente, para um Taoísta ou um Confucionista não há que se definir *a priori* os termos, estes sugerem uma realidade objetiva da qual se tem um conhecimento *a posteriori*; as relações não se dão jamais num único sentido, mas são sempre recíprocas; e, por fim, é necessário evitar o ato artificial.

Esse ponto de vista fez com que dominassem, na matemática, a álgebra sobre a geometria; na física, as ações à distancia como o magnetismo ou as ressonâncias acústicas sobre as ações de choque da mecânica; na medicina, a ação à distancia das picadas e das pontas de fogo (acupuntura, moxa) sobre a ação direta da cirurgia. Enfim, na sociologia os sábios e os santos atuam somente através de seus exemplos e sugestões, ao invés de serem chefes que conduzem e legislam.”¹⁵

Um bom exemplo da maneira através da qual os chineses entendiam o governo está na hierarquia das classificações que serviam para avaliar os funcionários sob o regime dos *T'ang*, no século VII de nossa era¹⁶:

Para os comissários imperiais de cada categoria, três classificações exprimiam as três notas Possíveis:

1ª categoria	nota superior: ele permitiu diminuir o numero de soldados.
	nota média: a comida é suficiente.
	nota inferior: ele adquiriu méritos combatendo na fronteira.
2ª categoria	nota superior: as colheitas são abundantes.
	nota media: ele raramente recorreu às punições.
	nota inferior: ele sabe repartir os impostos.
3ª categoria	nota superior: ele busca a tranqüilidade do povo.
	nota media: ele corrige as pessoas perversas.
	nota inferior: ele reconhece a verdade das acusações.
4ª categoria	nota superior: ele não tem inquietações.
	nota media: ele é íntegro e trabalhador.
	nota inferior: ele governa com sucesso.

¹⁵ *La science antique et médiévale (Histoire generale des sciences sous la direction de René Taton)*, 1957, p. 200, ver também pp. 185-196, e 487-489.

¹⁶ *Traité des fonctionnaires et traité de l'armée*, traduzidos da *Nouvelle histoire des T'ang*, por Robert des Rotours, Leide, 1948, t. II, p. 665 (Bibl. De L'Institut des Hautes Études Chinoises, 6).

5ª categoria	nota superior: ele fez projetos.
	nota media: ele tem sucesso nos negócios.
	nota inferior: ele sabe reformar e construir.

É suficiente reunir as notas inferiores:

“Ele adquiriu méritos combatendo nas fronteiras; ele sabe repartir os impostos; ele reconhece a verdade das acusações, ele governa com sucesso; ele sabe reformar e construir”,

para ter a descrição de um chefe segundo a norma ocidental.

Reunamos as notas superiores:

“Ele permitiu diminuir o numero de soldados; as colheitas são abundantes; ele busca a tranqüilidade do povo; ele não é sujeito a inquietações; ele fez projetos.”

Partilhamos então o espanto do tradutor:

Se é permitido realizar uma aproximação com a época contemporânea, podemos pensar que em um milhar de anos, os historiadores se interrogarão como puderam funcionar o regime parlamentar ou a economia liberal, tão elogiados hoje em dia. Estes historiadores poderão então mostrar que o parlamentarismo tornava muito difícil a tarefa de governar e que o liberalismo econômico nunca pôde ser totalmente aplicado. No entanto eles terão de reconhecer que estes sistemas corresponderam às necessidades de seu tempo e fizeram a grandeza do século dezenove. O mesmo provavelmente se aplica à China do século VII¹⁷.

As condições marítimas do Japão o permitiram se diferenciar notavelmente da China neste aspecto e de ser, digamos, relativamente pré-adaptado às instituições e aos modos de produção ocidentais.

O Parque zoológico

O comportamento do jardineiro para com os animais é modelado pelo seu comportamento para com outros homens. No Tratado de Agricultura (*Nong chou*), pode-se ler:

¹⁷ *Op, cit.*, Parte 1, p. 71

O boi é um animal que respira e tem sangue como o Homem, tem a mesma natureza e sentimentos. Sua fome e satisfação são, portanto, nosso guia para a compreensão de seus sentimentos.

Notemos isto que é dito sobre as ovelhas:

Levar ovelhas para pastar exige idosos, pois são pessoas acomodadas e obedientes. Caso se empregue pessoas ansiosas ou crianças haverá o risco das ovelhas serem maltratadas. Ou então elas se distraem e vão se divertir, deixando o caminho livre para que os cães e os lobos ajam... É necessário construir os currais próximos às casas, pois as ovelhas têm um caráter doce e tímido e não sabem se defender¹⁸.

Tudo isto nos faz lembrar do comportamento dos Melanésios da Nova Caledônia, que nunca tinham visto um cachorro. Em 1845, para se livrarem da “importunidade” dos indígenas, os missionários trouxeram, através da corveta *Rhin*, uma tropa de cachorros¹⁹. O cão mais audacioso para perseguir os indígenas e morder suas panturrilhas foi nomeado *Rhin*. Um dia, no entanto, nos conta um capitão que naufragou em Balade e passou vários meses entre os missionários, um chefe das redondezas chega enquanto embaixador, portando um tecido branco no braço (feito da casta da árvore *Broussonetia*) solicitando uma audiência com o “chefe dos cães”, isto é, com *Rhin*, para fazer a paz e instituir as boas relações com os cachorros. Conduziram-no ao *Rhin*, mas, no entanto, a paz sem dúvida não foi selada, uma vez que no ano seguinte a missão foi destruída e aquele que mais incitava os cachorros contra os indígenas, o frade Blaise Mormoiton, foi morto juntamente com *Rhin*²⁰.

Nas planícies da Índia, intermediárias entre as zonas de monção, o Extremo-Oriente e as estepes ocidentais, formou-se um tipo de sociedade que não é mais nem a jardinagem nem tampouco o pastoreio, mas o parque zoológico. Nestes primeiros tempos da agricultura e da domesticação, numa época em que o leite de vaca dispõe de todo o seu valor afetivo, tal como testemunha a sua adoção em detrimento do leite humano em muitas sociedades, o contato entre populações cujo estilo de vida e mentalidade diferem se traduz na formação de uma sociedade de castas. Estes grupos humanos diferentes se consideram como espécies zoológicamente distintas, não havendo mais entre eles alianças matrimoniais possíveis. Os bovinos formam uma

¹⁸ Trad. Jacques Gernet, em correspondência trocada em 1950.

¹⁹ François Leconte, *Mémoires pittoresques d'un officier de marine*, Brest, 1851, vol. 2, p. 562.

²⁰ Jules Garnier, *La Nouvelle-Calédonie (Côte Orientale)*, 2 ed., Plon, 1901, p. 266. Ver também: Victor Courant, *Le martyr de la Nouvelle-Calédonie, Blaise Mormoiton, frère coadjuteur de la Société de Marie*, Vitte, 1931

casta infinitamente mais respeitável do que muitas das castas humanas. As trocas de serviços entre castas mantêm o laço social, mas não é mais surpreendente encontrar uma casta de ladrões entre os homens, ratos entre os quadrúpedes, do que *pie* entre os pássaros e ervas-daninhas entre as plantas. É preciso, pois, manter o que um naturalista chamaria de equilíbrio ecológico.

Entende-se, desde então, o texto da lei de Manou: o pastor se torna o guardião do parque zoológico e toda ruptura das barreiras seria catastrófica. Ele deve sempre ter o seu cajado à mão²¹.

Conclusão

Nesse artigo, que é mais um “ensaio” do que um verdadeiro artigo científico, desejei mostrar que a etnozologia ou a etnobotânica não são disciplinas anexas ou secundárias em etnologia, mas permitem, ao contrario, postular problemas essenciais.

As relações do homem com a natureza são infinitamente mais importantes que a forma de seu crânio ou a cor de sua pele para explicar seu comportamento e a história social que ele traduz.

A vida cotidiana das épocas passadas deve ser restituída para compreender a atualidade, mesmo nos domínios mais abstratos. É tão absurdo se perguntar se os deuses que comandam, as morais que ordenam e as filosofias que transcendem não teriam alguma relação com a ovelha, por intermédio de uma predileção pelos modos de produção escravagista e capitalista? Ou se as morais que explicam e as filosofias da imanência não teriam algo a ver com o inhame, o taro e o arroz, por intermédio dos modos de produção da antiguidade asiática e do feudalismo burocrático?

²¹ A palavra da Lei de Manou traduzida por “punição” – *danda* – também pode ser traduzida de maneira literal como: bastão, bengala, junco, clava... Ver, N. Stchoupak, L. Nitti, e L. Renou, *Dictionnaire Sanskrit-français*, Paris, 1932.

A lista completa dos títulos publicados pela Série Tradução pode ser solicitada pelos interessados à Secretaria do:

Departamento de Antropologia

Instituto de Ciências Sociais

Universidade de Brasília

70910-900 – Brasília, DF

Fone: (61) 3107-7299

Fone/Fax: (61) 3107-7300

E-mail: dan@unb.br

A Série Tradução encontra-se disponibilizada em arquivo pdf no link: www.dan.unb.br